

IMPRESSO

CPMTRATP Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L . E . T . U . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 15

Suplemento Cultural
Maio/junho/1995

*Yes,
nos temos
cinema*

✓ 100 anos

Zuléka, a formiga sapeca



Vladimir Carvalho, CONTERRÂNEO velho de guerra

Neste ano de 1995, o mundo todo está comemorando os cem anos de invenção do cinema. Não propriamente a "invenção" do Cinematógrafo, mas a primeira exibição de um filme com a cobrança de ingressos ao público.

O mérito ou a esperteza coube aos irmãos Lumière que patentearam o invento que iria atrair multidões nas grandes cidades e que passou à história como a sétima arte.

Já em 1896, o "Jornal do Comércio", de 8 de julho, anunciava aos incrédulos leitores que o *Omniographo* que tanto sucesso teve em Paris agora estava disponível aos brasileiros, com exibição marcada para o dia seguinte em uma certa casa na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Chegava ao Brasil a primeira diversão de massa da era industrial.

Cem anos de cinema. O "DF-Letras" não poderia deixar passar em branco este marco na cultura do homem moderno. Procuramos ouvir duas pessoas que fazem cinema de maneira diferente: um cria e filma e o outro leva este produto acabado aos mais diferentes pontos do Distrito Federal. Trata-se do cineasta Vladimir Carvalho, radicado em Brasília há 25 anos e um dos documentaristas mais premiados pela crítica especializada do País. O outro é o conhecidíssimo Da Mata, criador do cinema-voador que leva filmes para serem exibidos nas periferias do Distrito Federal, além de ter criado o festival do gramado, uma alusão bem humorada ao festival de Gramado, no Rio Grande do Sul.

Vladimir Carvalho tem, entre mais de 20 filmes realizados, obras do quilate de "O País de São Saruê", "O Homem de Areia", "O Evangelho Segundo Teotônio" e "Conterrâneos Velhos de Guerra". Da Mata, por sua vez, foi durante 8 anos o programador cinematográfico do cine Brasília, fundou o cine clube Nelson Pereira dos Santos e é o programador das salas da Cultura Inglesa e Cultura Hispânica.



DF-Letras - Quem influenciou o cineasta e documentarista Vladimir Carvalho a dar início a sua carreira?

Vladimir Carvalho - Como todo mundo eu era um espectador de cinema. Na adolescência a coisa se intensificou muito mais. A minha cabeça era feita pelo cinema americano, musicais, faroestes e posteriormente o neo-realismo italiano. Mas numa ocasião apareceu em Recife um crítico de cinema do Rio de Janeiro chamado Jonald que trazia para exibição uma coleção de filmes clássicos e no meio deste material tinha um documentário longa-metragem chamado o "Homem de Aran", de Roberto Flaret. Aí eu descobri que além do filme de ficção tinha o documentário. Aquele filme me apaixonou porque era feito sem atores, sem um roteiro elaborado contando uma determinada história com os clássicos casais, mocinhos, etc. O filme me prendeu, foi um impacto, era o homem lutando com a natureza hostil. A partir daí eu comecei a pensar em fazer cinema igual aquele.

DF-Letras - Qual foi o seu primeiro trabalho propriamente dito em cinema?

VC - Logo em seguida, o Luis Duarte Noronha me convidou para escrever o roteiro do documentário "Aruanda", do qual eu fui também assistente. "O Homem de Aran" foi a minha estrada de Damasco. A grande revelação do cinema para mim foi a partir daquele documentário inglês. Tanto é que eu homenageio 28 anos depois esse título. Eu fiz um filme sobre a Revolução de 30 e até inconscientemente eu o chamei de "Homem de Arcaia", que lembra sozamente o "Homem de Aran".

"A grande revelação do cinema para mim foi a partir do documentário inglês O Homem de Aran"

"Brasília foi uma super produção bancada por Juscelino Kubitschek, com roteiro de Lúcio Costa e direção de Oscar Niemeyer"

DF-Letras - Depois da experiência em "Aruanda" você partiu para fazer seus próprios documentários?

VC - Eu e João Ramiro Melo fizemos "Os Romeiros da Guia", o primeiro filme meu, um documentário sobre uma romaria no litoral da Paraíba. Enquanto o Ramiro foi para o Rio de Janeiro montar o filme eu fui para Bahia onde estava surgindo um movimento forte de cinema. Lá entrei na Faculdade de Filosofia onde convivi com os grandes nomes da cultura baiana, tais como Caetano Veloso, Carlos Nelson Coutinho, entre outros. Eu



vivi toda aquela efervescência cultural dos baianos.

DF-Letras - Você andou envolvido com as Ligas Camponesas nos idos de 1964?

VC - Eu cobri como jornalista para um Jornal do Rio, no Nordeste, a questão das Ligas Camponesas. Conheci de perto o João Pedro Teixeira e D. Elisabete, enfim os protagonistas desta tragédia histórica, o massacre de João Pedro, seu fuzilamento pelo latifúndio.

O Eduardo Coutinho soube que eu fazia cinema e tinha conhecimento da Ligas e em função disso ele me convidou para assistente do filme "Cabra Marcado para Morrer". Fui para Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Quando filmávamos fomos surpreendidos pelo golpe militar de 64. Tivemos que nos refugiar no mato. Uns conseguiram fugir clandestinos para o Rio. Eu fiquei dando cobertura para D. Elisabete para que as forças de repressão não a prendesse. Depois de colocá-la a salvo eu fui para o Rio de Janeiro. Lá, ainda com o Eduardo Coutinho eu trabalhei em dois filmes do Arnaldo Jabour, o "Rio Capital do Cinema" e "Opinião Pública".

DF-Letras - Como você encontrou Brasília no seu caminho?

VC - Foi em 1970. O Fernando Duarte me convidou para fazer em Brasília um Centro de Produção de Documentários, tendo como grande tema o Planalto Central, o Centro-Oeste e Brasília. Vim com um contrato de dois meses para trabalhar na Universidade de Brasília para fazer filmes. Era um ardil do Fernando, na verdade ele queria que eu iniciasse o curso de cinema na UnB, dando aula num curso de verão e o resultado é que eu fui ficando e hoje já tenho 25 anos de Brasília.

DF-Letras - O cinema brasileiro sempre conviveu com crises, mas durante o governo Collor a coisa extrapolou. Foi um golpe duro no cinema nacional. Esse trauma já foi superado?

VC - O Collor de Melo praticou uma política de terra arrasada. O Cinema foi uma das vítimas, como as artes de um modo geral.

O Collor foi uma espécie de praga do Egito para o cinema brasileiro, porque associado a ele houve um secretário de

"O Pólo de cinema e vídeo foi criado em bases irreais"

Cultura que se encarregou de soterrar essa atividade. Fez a extinção completa da Embrafilme, do Conselho Nacional de Cinema e da Fundação do Cinema Brasileiro, que funcionavam para financiar a produção, fazer cumprir as leis e fiscalizar as bilheterias dos cinemas. Tínhamos um esquema montado e funcionando. Hoje isso inexistente. Isso foi uma coisa criminosa colocada pelo governo Collor.

Agora, há alguns meses atrás é que o cinema brasileiro começa a dar sinais de vida. Está havendo uma ressurreição do cinema brasileiro com a produção de filmes tais como Lamarca, Carlota Joaquina, A terceira Margem do Rio, o Calor da Pele, do Pedro Jorge de Castro, daqui de Brasília, entre outros. Mas isso deve ser respaldado por uma legislação atualizada e pela aplicação das já existentes, vindo aí não só a questão do cinema, mas da produção dos audiovisuais. É preciso que a Lei Rouanet seja efetivamente aplicada, que os empresários participem e os poderes públicos e as televisões também.

DF-Letras - O Seu último filme foi "Conterrâneos Velhos de Guerra", rodado aqui mesmo em Brasília. Como foi feito esse trabalho?

VC - É um filme que é uma espécie de revisão histórica do fenômeno de Brasília. A cidade é tida como uma grande epopéia no bojo do período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Foi uma super produção bancada por JK, com roteiro de Lúcio Costa e direção de Oscar Niemeyer.

Mas Brasília não foi só isso. E eu tive a pretensão com meu filme de repor a verdade histórica mostrando que houve um grande sacrifício da coletividade que veio construir a Capital Federal. Não houve esse reconhecimento. Eu tentei recompor

essa história mostrando que Brasília teve um contingente de gente vindo de fora, principalmente de nordestinos fugindo da seca e do subdesenvolvimento, buscando melhora de vida, mas muitos deles encontraram a morte.

Em duas horas e quarenta e oito minutos eu narro uma história onde o núcleo/metáfora foi um massacre ocorrido em 1959, em plena construção de Brasília, no acampamento da construtora Pacheco Fernandes, onde ninguém sabe quantos morreram, uma verdadeira chacina. O filme mostra depoimentos de pessoas que confirmam a chacina e que são contraditórios entre si. Um fala em 40 mortes, outros 50, 100, 200 e até 500 vítimas. O povo aumenta mais não inventa. A verdade é que o fato aconteceu. Como o filme não é uma investigação policial eu apenas levantei o fato, cabe

"Estou fazendo um desafio aos Poderes Públicos e aos empresários para que eles se sensibilizem para a criação da Cinemateca Nacional de Brasília"

aos pesquisadores sociais, historiadores uma conclusão a respeito desse assunto.

DF-Letras - E o Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília tem contribuído para a produção de filmes na cidade?

VC - A idéia é da classe, encampada pelo Governo Roriz, mas em bases irreais. Era muito mais parte do marketing político dele. Mas isso resultou no parto da montanha. Co-financiaram alguns filmes ou partes deles. Isso só teve o mérito de promover o Governo Roriz em detrimento do próprio cinema. Agora, estamos tentando reativar o Pólo em bases realistas.

O Pólo deverá produzir filmes para serem exibidos nas escolas com o apoio dos poderes públicos e do empresariado utilizando a Lei Magela.

DF-Letras - Você vem fazendo um trabalho de preservação da memória do cinema de Brasília. Como vai indo este projeto?

VC - Em 25 anos de atividades em Brasília eu coletei e juntei tudo que se referia ao cinema brasiliense. Documentos, fotografias, os meus próprios filmes, de forma que eu resolvi formalizar a criação de uma Fundação chamada Cinememória. Por enquanto eu estou implementando o funcionamento jurídico da entidade.

Paralelamente a isso, eu considero que no ano em que o cinema faz 100 anos, Brasília é Patrimônio Cultural da Humanidade, mas nós não temos ainda a nossa cinemateca. Então, a Fundação Cinememória é a semente que poderá se transformar na Cinemateca Nacional de Brasília. Para isso eu estou fazendo um desafio aos poderes públicos, aos empresários para que eles se sensibilizem por essa iniciativa.



CINEMATÓGRAFO

Cinema invade as ruas e praças

Baiano de Barreiras, a 600 Km de Brasília, José Da Mata, mais conhecido como Da Mata, se diz um apaixonado pelo cinema desde a sua adolescência "no velho cine Roma", quando assistia aos clássicos da sétima arte, incluindo também a nossa chanchada. Vindo para Brasília tratou logo de fundar cine-clubes, começando pelo CEMAB, em Taguatinga. Depois o cine-club Nelson Pereira dos Santos que, na sua fase mais atuante, funcionava no auditório da Escola Parque 306/7 Sul.

Programador experiente, Da Mata partiu para um projeto ambicioso. Levar o cinema aonde o povo está: nas ruas e praças. "Ao contrário do Bispo Edir Macedo, da Igreja do Reino de Deus, que está invadindo as salas de exibições de filmes e deixando as praças, o cinema-voador faz com que o cinema deixe as salas para ganhar as praças", afirma Da Mata.

Da Mata considera um crime o fechamento de salas de exibições nas cidades do interior do Brasil. De um lado, ele culpa o poder de penetração da televisão, do outro o alheamento dos poderes públicos para com a cultura do povo. "A população do interior fica refém da TV. São 6 novelas diárias só em um canal. A lesão cultural é sem retorno", garante.

Cinema-voador – O cinema-voador foi montado em um ônibus, equipado com um projetor de 35 mm, com lâmpada Xenon, último modelo de projeção com mil watts de som,



No Festival do Gramado as pessoas se sentam sobre a grama para assistir filmes de qualidade ao ar livre



“ Tem gente que nunca viu um filme e fica curioso achando que aquilo é mágica ”

dando qualidade perto da perfeição, com uma tela de 13 por 6 metros. Pode-se assistir a um filme a 70 metros de distância.

Segundo Da Mata, o cinema antes de ser literatura, poesia e música, ele é audiovisual. "Se você não trabalhar bem esses dois elementos não adian-

ta. Se não o povo vai embora. Se você chega na rua e não ouve o som do filme direito, a tendência é você sair e ir embora. Por isso o cinema-voador tem qualidade e uma programação adequada para cada população".

O cinema-voador já se apresentou em todas as cidades-satélites de Brasília, além de apresentações em Barreiras e Salvador e na cidade mineira de Unaí. O cinema-voador também vai a bares, como é o caso do Beirute, na 109 sul, quando é apresentado o Festival do Gramado, uma homenagem ao outro festival de mesmo nome no Rio Grande do Sul.

Outro projeto em desenvolvimento é o quadra a quadra, com patrocínio do Banco de Brasília (BRB). Serão exibidos dois festivais por mês em duas quadras diferentes do Plano Piloto e das satélites. É a volta do cinema. Fazer cultura é tão importante quanto colocar postes na rua. "Os nossos homens públicos precisam entender isto", afirma Da Mata.